



FLORIAN COULMAS

TRADUÇÃO
MARCOS BAGNO

ESCRITA E SOCIEDADE

π
parábola

Título original: *Writing and Society — An Introduction*
© Cambridge University Press, 2013
Edinburgh Building, Shaftesbury Road
CB2 8RU – Cambridge, United Kingdom
ISBN: 978-1-107-60243-4

DIREÇÃO: Andréia Custódio
CAPA E PROJETO GRÁFICO: Telma Custódio
REVISÃO: Karina Mota

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C892e

Coulmas, Florian

Escrita e sociedade / Florian Coulmas ; tradução Marcos Bagno. - 1. ed. -
São Paulo : Parábola Editorial, 2014.
208 p. ; 24 cm. (Educação linguística ; 8)

Tradução de: *Writing and society : an introduction*
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-7934-092-5

1. Escrita - Aspectos sociais. 2. Comunicação escrita. I. Título. II. Série.

14-12592

CDD: 401.9
CDU: 81'42

Direitos reservados à

Parábola Editorial

Rua Dr. Mário Vicente, 394 - Ipiranga
04270-000 São Paulo, SP

pabx: [11] 5061-9262 | 2589-9263 | fax: [11] 5061-8075

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-7934-092-5

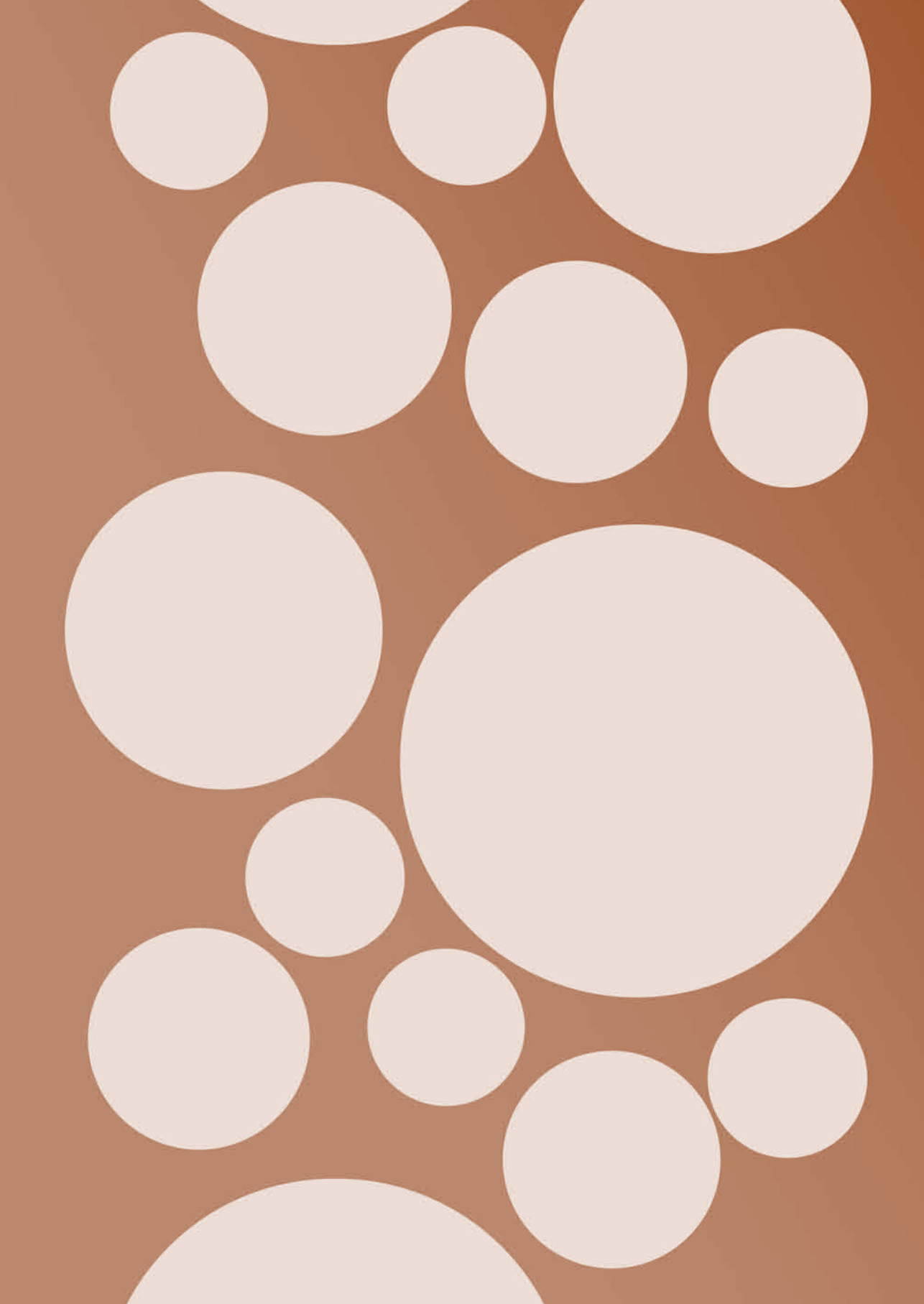
© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, agosto de 2014.

Sumário

Listas	9
Lista de ilustrações	9
Lista de tabelas	10
Prefácio	11
Agradecimentos	13
1. A tirania da escrita e o domínio da fala vernácula.....	15
O argumento de Saussure contra a escrita.....	17
O argumento de Bloomfield contra a escrita.....	19
Os argumentos de Saussure e Bloomfield ainda são válidos?.....	21
A indexicalidade social dos recursos linguísticos	23
Elaborando o dialeto literário	27
Escrita e código elaborado	31
Definições	34
Perguntas para discussão	35
2. O passado no presente e as sementes da esfera pública.....	37
A escrita na praça do mercado.....	38

Profundidade histórica.....	40
Elementos da paisagem linguística	42
O Código de Hamurábi	42
A Pedra de Roseta.....	44
A inscrição de Behistun.....	47
Menetekel.....	48
O Taj Mahal.....	50
Deslocamento.....	51
Comunicação com estranhos.....	53
Perguntas para discussão	57
3. Língua escrita e língua não escrita	59
Recursos linguísticos	60
Características sociais da língua escrita e da língua ágrafa	63
Características linguísticas das línguas escritas e não escritas.....	70
Redução e expansão.....	73
Diglossia	75
Conclusão.....	80
Perguntas para discussão	81
4. Letramento e desigualdade	83
Letramento na esfera pública.....	84
Estratificação social	87
Raça.....	90
Gênero	94
Língua e etnia	96
Conclusões.....	104
Perguntas para discussão	105
5. A sociedade das letras.....	107
A língua escrita nas instituições	108
Governo: letra <i>versus</i> espírito	109
Linguagem simplificada.....	116
Religião: o alfa e o ômega	118
Tradução	120
Escolarização: o abc da escrita.....	126
Conclusão	130
Perguntas para discussão	131
6. A reforma da escrita.....	133
A escrita como um bem público.....	134
Aspectos linguísticos das reformas da escrita.....	139
Aspectos sociais das reformas da escrita.....	141
Aspectos políticos da reforma da escrita.....	144
Aspectos econômicos da reforma da escrita.....	150

Conclusões	152
Perguntas para discussão	156
7. Escrita e letramento no mundo digital.....	159
A língua e a comunicação mediada por computador.....	162
<i>Quase-fala</i>	164
<i>Uma escrita pública</i>	167
<i>Da boca para o mouse</i>	169
A nova economia da escrita.....	172
Uma esfera pública transformada.....	175
Conclusões	181
Perguntas para discussão	186
Bibliografia	187
Índice	201



Prefácio

Os sistemas de escrita e a língua escrita são objetos surpreendentes, de grande complexidade, testemunhos do engenho humano e de nossa determinação em criar nosso próprio universo. Se a linguagem é o traço inato mais distintivo de nossa espécie, a escrita é nossa mais importante invenção. Ela é tão ubíqua na vida diária que cabe perguntar a que propósitos ela serve. Como a escrita se relaciona com a fala? Que impacto tem ela sobre a organização e o desenvolvimento sociais? Como as línguas ágrafas diferem das que têm forma e tradição escritas? Na linguística do século XX, firmou-se o axioma de que a escrita é desimportante, mas isso não tem fundamento, sobretudo se quisermos dirigir nossa atenção aos aspectos sociais do comportamento linguístico, ao repertório de códigos de uma sociedade e à divisão do trabalho entre diferentes modos de comunicação pela linguagem. De um ponto de vista sociológico, o próprio conceito de língua, no sentido de uma língua ser diferente da outra, está indissolivelmente vinculado à escrita. Se quisermos entender as funções sociais da linguagem, tanto a fala quanto a

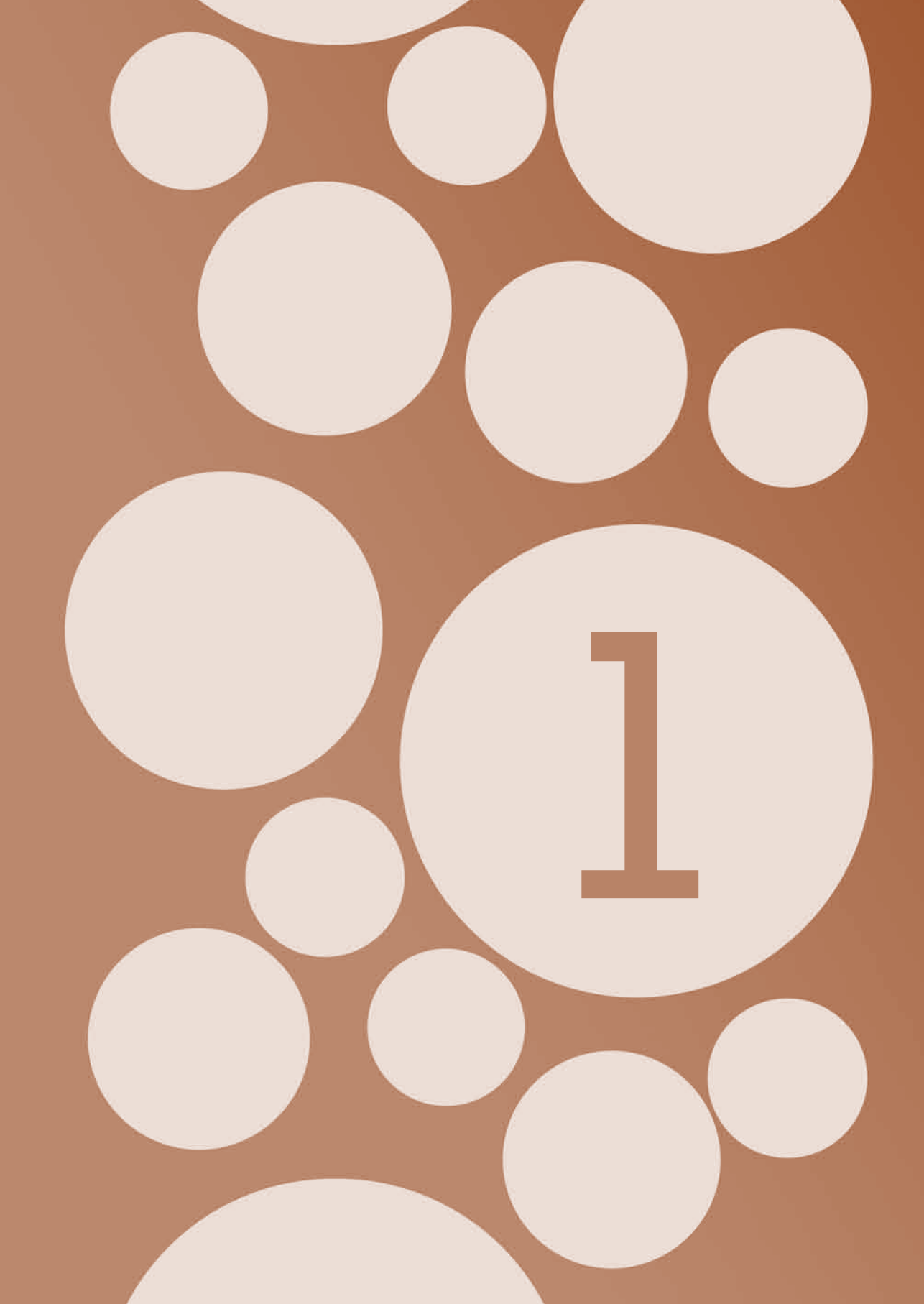
escrita devem ser levadas em consideração, bem como a multifacetada interação de ambas.

Neste pequeno livro, registrei minhas observações e reflexões sobre o papel que a escrita e o escrever desempenham na sociedade. Por razões históricas, explicadas no primeiro capítulo, a sociolinguística não tem se interessado muito pela escrita, nem tentado incorporá-la. No entanto, hoje em dia, não só os monges trapistas, mas diversas outras tribos mais jovens escrevem mais do que falam, e a escrita evoluiu: de uma habilidade especializada para um modo de comunicação de massa. As partes comunicativamente relevantes dos ambientes sociais já não podem ser descritas e analisadas adequadamente se a escrita não for reconhecida como um componente fundamental da ecologia linguística. As razões para isso são mais empíricas do que teóricas. A humanidade vem recorrendo progressivamente à comunicação escrita em cada vez mais domínios da vida. Isso implica mudanças no comportamento comunicativo, na socialização pela linguagem, nos modos como aprendemos e adquirimos conhecimento e na formação e manutenção das redes sociais. A revolução midiática não é só um termo da moda: é uma realidade à qual somos forçados a nos adaptar e na qual a escrita tem importância central. Muitas das mudanças em processo estamos apenas começando a compreender. Este livro, portanto, mais do que uma síntese dos resultados de um campo de pesquisa consolidado, deve ser visto como a abertura de uma perspectiva para a área emergente dos estudos sobre a escrita na sociedade.

Agradecimentos

O capítulo 2, “O passado no presente e as sementes da esfera pública”, coincide em parte com um capítulo que escrevi para *Linguistic Landscape: Expanding the Scenery*, organizado por Elana Shohamy e Durk Gorter (Londres: Routledge, 2009, pp. 13-24). Nos capítulos 4 e 6, “Letramento e desigualdade” e “Reforma ortográfica”, respectivamente, usei diversos trechos de um artigo que escrevi junto com Federica Guerini, intitulado “Literacy and Writing Reform”, publicado em *The Cambridge Handbook of Language Policy*, organizado por Bernard Spolsky (Cambridge University Press, 2012, pp. 437-60). E o capítulo 5, “A sociedade das letras”, recorre a material contido em meu artigo “Social Practices of Speech and Writing”, publicado em *The Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*, organizado por Patrick C. Hogan (Cambridge University Press, 2011, pp. 35-45). Agradeço aos editores por permitirem o uso desses materiais.

Quero agradecer a Tessa Carroll, que leu na íntegra os originais do livro, os quais muito se beneficiaram de seus comentários e sugestões. Devo agradecimento especial a Claus Harmer, que me ajudou com algumas das ilustrações.



1

A tirania da escrita e o domínio da fala vernácula

Vivemos num mundo letrado. Isto é uma verdade, muito embora, segundo estatísticas da UNESCO, existissem cerca de 790 milhões de adultos analfabetos no mundo em 2010, mais do que a população da União Europeia. No entanto, mesmo nos países africanos e asiáticos, onde se concentram os adultos analfabetos, a cultura oral não é mais considerada como uma alternativa viável à cultura letrada — um modo de vida diferente, uma questão de preferência que poderia ser defendida. A vida sem as letras é um paraíso perdido, se é que já foi um paraíso. Neste nosso tempo, ler e escrever são indispensáveis para a participação na sociedade, e não há como escapar do fato de que as habilidades letradas são um determinante fundamental das perspectivas de vida de uma pessoa. Isso vale para o mundo em geral e é ainda menos discutível para os países industrializados. O analfabetismo nesses países é um estado de coisas deplorável, uma injustiça social que exclui uma pequena minoria da sociedade mais geral. A língua na modalidade escrita é parte do comportamento comunicativo diário de todas as pessoas, ativa e passivamente e, no caso dos analfabetos, ela os coloca diante de uma barreira intransponível. Por causa disso, defende-se hoje em dia que o letramento é um direito humano universal¹.

A escrita existe há pelo menos cinco mil anos. Embora o letramento universal seja uma conquista recente apenas em algumas partes do mundo, a escrita vem exercendo há muito tempo sua influência sobre a língua. De fato, nunca se fez uma distinção nítida entre escrita e língua, nem no discurso cotidiano nem no especializado. Por isso, talvez seja compreensível que, para eliminar a confusão e estabelecer o objeto próprio da investigação linguística, os linguistas modernos tenham enfatizado a fala, relegando a escrita a uma posição marginal. Conforme se tem declarado repetidamente, a linguística deve estudar a língua *natural* — isto é, a capacidade humana inata para a linguagem — já que, embora tenham nascido para falar, os seres humanos não nasceram para escrever. Essa é a base do argumento que defende a desconsideração da escrita na linguística. Uma breve revisão da origem desse argumento é útil para apreciarmos seus méritos e a influência que ele teve sobre a formação da teoria na linguística, bem como na sociolinguística.

1. O artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos estipula: “Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais” (disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>; acesso: 1 jul. 2014). Esta é a base para se enquadrar o discurso sobre letramento em uma abordagem de direitos humanos, uma vez que o letramento está no centro da educação básica para todos e é essencial para garantir o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza.

Pode-se fazer o argumento remontar a dois influentes fundadores da linguística estruturalista, Ferdinand de Saussure e Leonard Bloomfield. Esses dois estudiosos, cada qual por motivos próprios em seu intento de lançar os fundamentos de uma linguística sincrônica em oposição a uma filologia histórica, fizeram uma defesa veemente da abstração, no estudo científico da língua, a fim de se distanciarem da escrita.

O argumento de Saussure contra a escrita

Uma das realizações mais duradouras de Saussure foi o estabelecimento da ciência dos sons da fala como o alicerce da linguística estrutural. O capítulo 7 de seu *Curso de linguística geral*, sobre fonologia, se abre como uma metáfora bem vívida: “Quando se suprime a escrita pelo pensamento, aquele a quem privamos dessa imagem sensível corre o risco de perceber somente uma massa informe, com a qual não sabe o que fazer. É como se retirássemos do nadador aprendiz seu colete salva-vidas” (Saussure, 1978: 32). No entanto, era precisamente isso que Saussure julgava necessário para alcançar seu objetivo de apreender a estrutura que ele sabia inerente àquela “massa informe”, de um modo que não estivesse comprometido e distorcido pela transposição gráfica imperfeita dos sons da fala. Ele tinha de defender a tese de que os linguistas precisavam mergulhar nas profundezas, sem o colete salva-vidas da escrita. Citando o exemplo do nome da cidade francesa de *Auch*, que se pronuncia [ɔ:ʃ], ele denunciou a “tirania da escrita” e disse que “a ortografia não importa” (1978: 31). Nesse contexto é que Saussure lamentou o fato de a grafia influenciar e modificar a língua. Sua preocupação era garantir que os linguistas estudassem o que tinham de estudar, e não uma imagem distorcida.

Saussure tinha razão, pois as pessoas letradas como ele, a menos que sejam linguistas profissionais, tendem a atribuir maior importância à palavra escrita, permanente e estável, do que àquilo que Anthony Burgess (1992) chamou de “uma bocada de ar”, e a conceitualizar a língua em termos de imagens visuais de suas unidades. É por meio de livros, dicionários e gramáticas que a língua adequada é ensinada e trazida ao nível da reflexão consciente. O que Saussure viu com muita clareza é que a percepção da língua é pesadamente influenciada pela escrita. Uma noção ingênua de que o alfabeto latino é um sistema de escrita (idealmente) baseado numa correspondência um-a-um entre letras e sons reforça a tendência a apagar a distinção entre as duas coisas. Saussure se incomodava, justificadamente, com o fato de que a escrita obscurece nossa visão da língua, um sistema de valores inteiramente abstratos, de modo que devemos excluí-la da

Este livro é um relato do lugar da escrita na sociedade. Lançando mão de exemplos históricos e contemporâneos, de tábuas de argila a aparelhos eletrônicos *touch-screen*, o livro explora a função da escrita e da linguagem escrita, analisando suas influências na língua, na sociedade, na economia e na política.

Escrita e sociedade examina as causas sociais do analfabetismo, demonstrando que instituições de grande importância para a sociedade moderna se fundamentam na escrita e nos textos escritos e se caracterizam por formas específicas de comunicação. Além disso, explora a dimensão social de reformas ortográficas, assim como o letramento digital, um novo modo de expressão e comunicação que impõe novos desafios ao estudante de línguas na sociedade.

Além de demonstrar o porquê de a escrita merecer mais atenção dos estudos da linguagem e da sociedade, recorrer a uma grande variedade de exemplos retirados de diferentes contextos linguísticos e culturais, investigar a escrita na interface tecnológica, o comportamento linguístico e o desenvolvimento social – convidando os estudantes a entenderem seus próprios comportamentos comunicacionais – o livro ainda apresenta, ao fim dos capítulos, perguntas para discussão que ajudarão os estudantes a adquirirem conhecimento e a refletirem sobre o que aprenderam.

Mais do que uma síntese dos resultados de um campo de pesquisa consolidado, este livro deve ser visto como a abertura de uma perspectiva para a área emergente dos estudos sobre a escrita na sociedade.

